

UTILIZAÇÃO E RENTABILIZAÇÃO DOS RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS
Ana Gonçalves*

- 0 - Introdução
- 1 - Recursos bibliográficos em diferentes suportes
 - 1.1 Catálogos em fichas
 - 1.2 Produtos impressos
 - 1.3 Bases locais de dados
 - 1.4 Bases de dados em rede, regionais ou temáticas
 - 1.5 Bases de dados para pesquisa ON-LINE
 - 1.6 Bases de dados em CD-ROM
- 2 - Recursos bibliográficos. Breve abordagem da situação nacional
- 3 - Potencialidades de utilização dos recursos bibliográficos
- 4 - A PORBASE numa óptica de gestão e desenvolvimento dos recursos bibliográficos nacionais

*Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Bibliografia

BOTELHO, M. Jesus; GERALDES, Suzete; LEITÃO, M. Rosário - Guia de Bancos de Dados Bibliográficos Portugueses, Lisboa, s.n., 1988

DUNNING, Peter -La recherche d'informations exterieures a l'INSEAD. Documentaliste. 1989, 26(2), p. 104-105

ELDERINK, Karel - Het online experiment bij de steunbibliotheken: de geschiedenis van vier jaar pioniersarbeid-The on-line experiment in the support libraries: a history of four-year pioneering project. Bibliotheek-en-Samenleving. 1988, 16(3), p 84-89

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça -Dicionário do Livro. Lisboa: Guimarães Editores, 1988

GONÇALVES, Ana - Determinantes da eficácia em pesquisas em CD-ROM. Comunicação apresentada ao Forum CD-ROM. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1990

GONÇALVES, Ana - Novas Tecnologias ao Serviço da Circulação da Informação: Breve Abordagem dos Meios Disponíveis. Porto: Faculdade de Letras, 1989. Texto policopiado.

HORNSNELL, Verina, ed. - Mechanisms for Library Cooperation: Getting Our Act Together. Gower: Vermont, 1988

KARP, Nancy - ABI/INFORM on CD-ROM: how does the disk stack up? New Jersey: Learned Information Inc., 1988

McGERGOR, Donald; FISCHHOFF, Baruch; BLACKSHAW, Lyn - Search success and expectations with a computer interface. Information-Processing-and-management. 1987, 23(5), p. 419-432

MIRIMANOVA, M. S. - Informatsionnaya potrebnost ' kak psikhologicheskaya problema = Information requirements as a question of psychology. Nauchno-tehnicheskaya-Informatsiya. 1987, series 1(4), p. 1-4

MORTENSEN, Erik - The PC and online databases in the business environment. New Jersey: Learned Information Inc., 1985

UTILIZAÇÃO E RENTABILIZAÇÃO DOS RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS

"Some view the future of the library within the information chain as simply a more efficient version of the existing structure... Others see the demise of the library and a radical change focused directly on the end user..."¹

0 - Introdução

De sonho a programa, de programa a realidade, está em marcha o processo de transformação das bibliotecas portuguesas. A automatização dos catálogos e a organização do serviço em função dos utilizadores, constituem também os suportes de todo este processo.

Já não é pacífico para nós o aforismo de Maurice Line ao referir que, assim como uma fábrica de bicicletas existe para produzir bicicletas, as bibliotecas existem para produzir catálogos. Hoje entendemos as bibliotecas como um elo da cadeia mundial de circulação de informação, produzindo diferentes serviços consoante o perfil dos utilizadores e as suas necessidades de informação.

Assumimo-nos como gestores do acesso ao saber, enquanto bem público, transformado em informação via documento. Orgulhamo-nos da função social do nosso trabalho. Estamos conscientes da nossa responsabili

dade no acesso de cada cidadão, independentemente do seu nível social ou intelectual e da sua situação geográfica, à totalidade do saber humano disponível na Terra.

Consideramos por isso os recursos bibliográficos, como uma parte integrante dos recursos endógenos de cada país, necessários ao seu desenvolvimento económico e social, e franqueadores das relações entre os povos.

Em recursos bibliográficos incluímos os catálogos e as bases de dados de documentos primários, as bibliografias e outros documentos secundários, as obras de referência, os documentos terciários, etc.

Aceitamos a concepção da Bibliografia, enquanto "documento secundário, que apresenta uma lista de referências bibliográficas, segundo uma ordem específica e contendo elementos descritivos de documentos, de modo a permitir a sua identificação"². Entendemos documento como "informação contida em suporte de qualquer tipo que pode ser considerada como uma unidade, no decorrer do tratamento documental"³. Por catálogo, entendemos o "documento secundário que apresenta e descreve documentos reunidos permanente ou temporariamente"⁴.

Procuraremos com esta reflexão, tão-só, situar os vários recursos bibliográficos e problematizá-los com base na sua utilização.

1 - Recursos bibliográficos em diferentes suportes

Pretendemos, neste primeiro ponto, fazer uma apreciação valorativa dos diferentes suportes em que se podem apresentar os recursos bibliográficos.

1.1 - Catálogos manuais

Os catálogos manuais em fichas, são as fontes bibliográficas mais usadas nas bibliotecas portuguesas.

As facilidades criadas pelos catálogos automáticos, na rapidez e diversidade de formas de pesquisa, tornam-nos grandes concorrentes dos nossos velhos ficheiros.

No entanto, algumas dificuldades se podem vislumbrar na substituição, em curso nas nossas instituições, dos suportes dos catálogos.

Facilmente, para nossa própria comodidade, nos deixamos arrastar pelo discurso de que "hoje em dia toda a gente tem um computador em casa ou sabe trabalhar com computadores". Não é verdade. Se não soubermos intervir atempadamente, o uso de catálogos automatizados poderá ao contrário do que pretendíamos, afastar utilizadores da consulta.

Num breve estudo realizado no Porto, em 1989 junto de técnicos superiores e docentes universitários⁵, indagando do seu conhecimento sobre terminologia ligada às novas tecnologias aplicadas à informação, constatamos que 76% dos inquiridos desconheciam mais de 50% dos termos apresentados que se referiam a conceitos elementares do tipo: bases de dados, correio electrónico, telemática, Porbase, pesquisa On-line, etc.

Mirimanova⁶ em 87, estudou os aspectos psicológicos da recuperação da informação referindo que alguns utilizadores se sentem extremamente desconfortáveis por que lhes falta a compreensão necessária do sistema de informação que os rodeia.

Hortensen⁷ em 1985, referiu a necessidade de formação complementar para os utilizadores no sentido de conhecerem os recursos de que dispõem dominando o que chama de "computer literacy" e "information literacy"⁸.

McGregor⁹ em 1987 analisou a relação entre as expectativas de sucesso por parte dos utilizadores e o uso que fazem das fontes de informação. Alega que as predisposições dos utilizadores afectam a pesquisa em múltiplos aspectos, desde a vontade para a realizarem, à satisfação ou frustração com o sucesso que obtêm e à confiança nos resultados obtidos.

Abandonamos, ou estamos a abandonar, os catálogos manuais. Como vamos formar os utilizadores? Será problema exclusivamente nosso? Ou passa também pelos currículos do ensino formal?

1.2 - Produtos impressos

Os produtos impressos continuam ainda hoje a ser o processo corrente de difusão de informação. Será que a optimização do processo de automatização das bibliotecas vai alterar esta situação?

Aventamos o desaparecimento de alguns produtos, quiçá os que mais ocupam os nossos bibliotecários hoje, como é o caso dos boletins bibliográficos periódicos. Julgamos que os outros continuarão, os mais esporádicos e também os mais elaborados, caso das terminologias, bibliografias temáticas, repertórios de fontes de informação, etc.

A criação de bases regionais e nacionais de dados virá, sem dúvida, tornar obsoletos os boletins bibliográficos, mesmo na sua função de divulgar no interior da instituição que os produz, as novidades bibliográficas. Práticas de difusão selectiva de informação tenderão certamente a afirmar-se.

Mas como reagirão os utilizadores a todas estas mudanças?

Embora criticando os procedimentos manuais nas bibliotecas portuguesas, os utilizadores têm dificuldades em largar os produtos tradicionais.

Num inquérito recentemente realizado numa Faculdade da Universidade do Porto, cujos resultados estão ainda a ser tratados, confrontados com a necessidade de optarem entre a Difusão Selectiva de Informação e a consulta de Boletins Bibliográficos, os docentes revelam uma adesão a práticas de DSI, desde que continuem a receber o tradicional Boletim Bibliográfico.

Entretanto, novos produtos impressos surgiram. Referimo-nos aos "prints" das pesquisas em bases de dados CD-ROM que constituem documentos secundários de grande importância para os utilizadores.

1.3 -Bases locais de dados bibliográficos

Entendemos por bases locais de dados bibliográficos, as bases de dados de cada instituição, destinadas a catalogar e gerir o seu fundo documental.

A sua importância e as suas potencialidades foram já suficientemente assumidas por nós pelo que dispensamos considerações alargadas.

Pesquisa automática,
Gestão de empréstimos,
Gestão de aquisições,
Gestão do cardex,
Difusão selectiva da informação,
e Gestão de thesauri,

são serviços que não estaremos certamente muito longe de implementar de uma forma integrada. Todo o trabalho que já foi feito pela Biblioteca Nacional no desenvolvimento do Mini-micro CDS/ISIS, e as garantias que nos têm sido dadas de que esse esforço vai continuar, são para nós factor de segurança.

Não negamos a importância que estas bases têm enquanto suporte de gestão das bibliotecas mas não vemos vantagens em permanecerem isoladas para pesquisa. A recuperação da informação de um determinado fundo documental pode ser feita a partir de bases em rede sem quaisquer prejuízos para o utilizador.

1.4 - Bases de dados em rede, regionais ou temáticas

O desenvolvimento de bases regionais e ou temáticas de dados bibliográficos podem seguramente melhorar a qualidade dos nossos serviços através da cooperação na catalogação, nas aquisições, no empréstimo e na pesquisa.

Para além das bases de monografias ou periódicos, é, sem dúvida, um desafio para nós a constituição em Portugal de bases de dados sectoriais que incluam informação proveniente de documentos em diferentes suportes e de diferente natureza. A par da chamada literatura cinzenta referiremos as listas de congressos, com a conseqüente referência às comunicações apresentadas, o registo de projectos de investigação em curso, as moradas de autores, investigadores, instituições, etc.

Transparecerá, sem dúvida, deste documento a nossa experiência profissional, limitada a bibliotecas especializadas. Não nos parecem formais, mas de conteúdo, as diferenças em relação às bibliotecas públicas. De facto, em vez de congressos, teríamos, por exemplo, iniciativas culturais locais.

Julgamos ser já um dado adquirido, que o desenvolvimento destas bases terá de fazer-se no quadro da Base Nacional de Dados Bibliográficos, mais concretamente da PORBASE.

É lícito questionarmo-nos se toda esta informação proveniente das bases regionais ou temáticas deve ser incorporada na PORBASE e pesquisável no OPC, tal como funciona actualmente. Mas é para nós óbvio que

a integração de sistemas deve ser feita de tal forma que este tipo de informação especializada possa ser recuperada, por exemplo, num terminal de uma biblioteca pública.

Neste quadro caminharemos para uma Base Nacional de Dados Bibliográficos que tenderá a transformar-se em Serviço Nacional de Informação. De outra forma, teremos o utilizador que se senta ao computador, entra no CATBIB para localizar um artigo de que pretende cópia, sai, entra no Mini-micro para pesquisar numa das bases especializadas que localmente geramos, sai, entra na PORBASE para localizar a monografia que pesquisou no Mini-micro, sai, entra numa base em CD-ROM para obter o resumo de um relatório feito no âmbito do GEP, sai, entra On-Line na base CEDEFOP para alargar a sua pesquisa a outros documentos portugueses.

Pode ser que o utilizador resista a tantas expressões de pesquisa diferentes, a tantas diferenças terminológicas, a tal diversidade de comandos. Quem não resiste certamente, e muito bem, é a classe dos bibliotecários e documentalistas.

1.5 - Bases para pesquisa ON-LINE

A possibilidade de aceder a bases de dados remotas, por um processo interactivo, veio abrir novas potencialidades na transferência rápida de informação à escala planetária.

Os custos das ligações, somados à ausência do domínio das técnicas de pesquisa e ao desconhecimento das terminologias, foram factores que obstaram à disseminação destes recursos.

A década de 70 foi o período da sua maior expansão. Em 78 arrancavam na Europa projectos pioneiros de introdução de sistemas On-line de recuperação de informação nas bibliotecas públicas¹⁰. Em Portugal, o relativo atraso na automatização bibliotecas, conduziu a que só serviços muito especializados utilizassem esta tecnologia e unicamente para aceder a bases internacionais.

Na década de 80, as bases on-line, referimo-nos neste momento a bases internacionais especializadas, foram suplantadas pelas bases em CD-ROM, as chamadas bases portáteis.

As suas vantagens são significativas já que a inexistência de encargos com telecomunicações permite que os utilizadores explorem mais profundamente o seu conteúdo e aprendam a dominar as técnicas de recuperação de informação.

Vários estudos de comparação entre estes dois tipos de bases foram entretanto realizados^{11 12}. Todos apontam para as vantagens do CD-ROM, mas referem a importância de serem usados em conjugação com outros

recursos nomeadamente, as bases ON-LINE e os produtos impressos. Não podemos esquecer que as bases em CD-ROM são produto de agências privadas de informação, muitas vezes ligadas a gremiações de cientistas que certamente influenciam subjectivamente na selecção do tipo de documentos a incorporar.

A base Psyclit tem as suas origens na Associação dos Psicólogos Americanos. Será sem dúvida muito grave se as fontes de informação dos psicólogos portugueses se vierem a limitar ao conteúdo desta base.

As bases ON-LINE têm no entanto uma grande vantagem em relação às bases em CD-ROM.

Para além disto, as bases ON-LINE terão sem dúvida um grande futuro como suporte tecnológico das bases em rede.

1.6 - Bases de dados em CD-ROM

A introdução em Portugal, no final da década de 80, das bases CD-ROM, foi quanto a nós, no domínio das bibliotecas especializadas, um factor extraordinário de valorização dos serviços. Estes puderam passar a fornecer aos utilizadores informação pertinente, actualizada e de acordo com as necessidades específicas de cada um.

A atestar isto está a rápida disseminação destas bases em Portugal. Em dois anos a Consulplano instalou 62 bases em 54 Bibliotecas.

A nossa própria experiência na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, enquanto assinantes de 3 bases em CD-ROM, mostra-nos que estas bases se tornaram, praticamente, numa fonte de informação de consulta obrigatória para alunos e docentes.

Em 9 meses de assinatura contamos com mais de 400 horas de pesquisa e cerca de 5000 páginas impressas com resultados de pesquisas.

É evidente que estas bases não poderão constituir-se na única fonte de informação . Já tecemos alguns comentários a esse respeito.

Pode, no entanto, considerar-se razoável a cobertura de fontes primárias feita por estas bases, ressaltando o explicitado no ponto anterior. A base PSYCLIT cobre a produção de mais de 50 países contendo artigos em mais de 30 línguas.

Os resultados de um estudo feito pela Lending Library da Biblioteca do Congresso, que corroboram a Lei de Bradford, deixam-nos mais seguros quanto à inutilidade do acesso à totalidade das fontes.

Dos 9.120 títulos de periódicos disponíveis na referida biblioteca, 25% foram consultados uma só vez, 900 títulos satisfazem 80% dos pedidos e 50% dos pedidos são satisfeitos por 40 revistas.

A utilização deste tipo de recursos trouxe também vantagens para os bibliotecários. Podemos nos familiarizar com diferentes estratégias de pesquisa, investigando limites e vantagens da linguagem natural e da linguagem documental, testando a importância dos diferentes operadores, procurando estabelecer relações entre tipos de perguntas e definição de estratégias¹³.

Estamos certos que este enriquecimento irá traduzir-se na qualidade da indexação por nós realizada.

2 - Recursos bibliográficos. Breve abordagem da situação nacional

Deixando as considerações sobre a PORBASE para o último ponto, gostaríamos de abordar agora duas questões: as bases de dados especializadas e as terminologias e obras de referência.

No levantamento das bases de dados portuguesas¹⁴ realizado em Fevereiro de 88, inventariaram-se cerca de 34 bancos de dados bibliográficos.

Três anos volvidos este número terá seguramente aumentado. Supomos que a questão que nos interessa é saber como poderão os nossos utilizadores aceder a tal riqueza? Deslocando-se através do país ou assinando bases de dados internacionais?

Por outro lado, a ausência de terminologias portuguesas nos diferentes domínios científicos é um problema que afecta não só os bibliotecários mas também os investigadores e estudantes.

Torna-se urgente investirmos nesta área. Parece-nos que o projecto CLIP tem à partida condições para vir a assumir um papel relevante na resolução deste problema, assim disponha de meios humanos e financeiros.

3 -Potencialidades de utilização dos recursos bibliográficos

Neste ponto limitar-nos-emos a traduzir um texto que suponho que contém o fundamental:

...será irrealizável desejar que um utilizador em Aberdeen possa usar a rede JANET para procurar um livro no catálogo GK3 e depois possa enviar uma mensagem por correio electrónico para o reservar para ser consultado daí a três dias na sala de leitura da British Library e quando aí chegar possa conseguir obter por fax um artigo da National Library of Wales e possa fazer tratamento de dados usando o material do censo disponibilizado em ON-LINE pelo arquivo ESRC em Essex?¹⁵

Há quem aposte que não...

4 - A PORBASE numa óptica de gestão e desenvolvimento dos recursos bibliográficos nacionais

Abordaremos a PORBASE - Base Nacional de Dados Bibliográficos na óptica da constituição de um Serviço Nacional de Informação.

A falta deste é natural que sejam imputadas à Biblioteca Nacional responsabilidades que sem dúvida não lhe pertencem.

Temos no entanto, consciência que será a partir da Base Nacional que se criarão e desenvolverão sistemas mais aprofundados e elaborados.

Gostaríamos por isso de apresentar um conjunto de questões que suponho todos desejaríamos ver resolvidas a curto prazo:

- Devolução aos serviços cooperantes dos registos introduzidos em linha, sem o que não prevemos que possa haver uma adesão significativa

A esta prática catalográfica, sobretudo por parte das bibliotecas especializadas.

- Desenvolvimento de software integrado de gestão de bibliotecas.
- Impressão dos resultados de pesquisa em linha ou possibilidade de os guardar em disquete.
- Pesquisa em linguagem natural a partir do resumo.
- Possibilidade de aceder em linha aos Thesauri utilizados
- Criação de grupos contendo informação especializada e acedível através de "passwords."
- Desenvolvimento de infraestruturas de comunicação que permitam o uso partilhado de alguns recursos.

Começamos por dizer que a automatização em curso nas bibliotecas portuguesas, liderada de uma forma louvável e exemplar pela Biblioteca Nacional, é um processo que pretendemos que venha a transformar a qualidade dos nossos serviços. Temos de ter, no entanto, consciência que, embora nos possamos congratular com o grau de adesão a este programa, ainda temos muito que caminhar.

O número de bibliotecas que estão ainda no carregamento inicial de registos, a ausência de certezas quanto à catalogação retrospectiva, a falta de micros para consulta, o número reduzido de bibliotecas cooperantes, se bem que já suficiente para termos a certeza da ir

reversibilidade deste processo, tudo isto nós situa ainda longe da meta, não por vontade nossa, mas, indubitavelmente, por falta de meios.

Mas será que temos claro qual é a nossa meta? Bibliotecas Especializadas, Bibliotecas Públicas, Bibliotecas Escolares, será que já temos suficiente discussão em Portugal, e já concebemos um plano e um programa de desenvolvimento a curto, médio e longo prazo?

A catalogação UNIMARC do nosso fundo monográfico é feita em função de quê? É o princípio ou o fim? Que recursos queremos disponibilizar? A falta de meios que nos persegue a que se deve? Não gostam de nós ou podem passar sem nós? Temos um valor patrimonial ou uma função vital? Se o acesso à informação é uma função social vital quem nos está a substituir?

Permitam-me só um pequeno parêntesis, avaliador de todo este processo. De facto não compramos a uma empresa de marca um programa acabado. Foi-nos oferecido um programa para ser desenvolvido, em colaboração com a Biblioteca Nacional, segundo as nossas necessidades e a nossa capacidade de arriscar e sonhar.

Tem-nos sido dito que, de informática, os bibliotecários só precisam de saber o necessário para exigir. Parece que estamos a conseguir aprender alguma coisa.

Não somos, no entanto, os únicos a aprender. Temos de produzir soluções satisfatórias se queremos entrar na concorrência. O lugar a

conquistar não poderá ser apenas de direito mas de facto, neste mundo da informação que cada vez mais se está a transformar em business.

Gostaríamos que a reflexão que de seguida iremos fazer e a discussão que vier a desencadear-se possa, de alguma forma, dar alguns contributos para o equacionamento destas questões.

- 1.LAW, Derek - Cooperation and the future...
- 2.FARIA, Maria Isabel; PERICAO, Maria da Graça - Dicionário do livro...
- 3.Idem
- 4.Idem ibidem
- 5.GONÇALVES, Ana - Novas Tecnologias...
- 6.MIRIMANOVA, M.S. - Information requirements...
- 7.MORTENSEN, Erik - The PC and online databases...
- 8.Idem
- 9.McGREGOR, D. - Search sucess and expectations...
10. ELDERINK, Karel - The on-line experiment...
11. DUNNING, Peter - Searching external data...
12. KARP, Nancy - ABI/INFORM on CD-ROM...
- 13.GONÇALVES, Ana - Determinantes da eficácia em pesquisas...
- 14.BOTELHO, M. Jesus -Guia de Bancos de Dados Bibliográficos Portugueses.
- 15.LAW, Derek - Cooperation and the future of national networks